

CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos

periodicos.pucpr.br/cadernoteologico



O MAL, O SOFRIMENTO HUMANO

EVIL, HUMAN SUFFERING

Mario Sérgio Bunick ^[a] 

Curitiba, Paraná, Brasil

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Cesar Leandro Ribeiro ^[b] 

Curitiba, Paraná, Brasil

Pontifícia Universidade Católica do Paraná - Londrina

Como citar: BUNICK, Mario Sérgio, RIBEIRO, Cesar Leandro. O Mal, o sofrimento humano. *Caderno Teológico, Religião Democracia e Direitos Humanos*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 7, n. 1, p. 32-46, jan./jun, 2022.

Resumo

^[a] Bacharel em Teologia pela PUCPR, mariobunick@hotmail.com

^[b] Professor do Curso de Teologia da PUCPR, <https://orcid.org/0009-0002-8245-506X> - cesar.leandro@pucpr.br

O artigo apresentado neste trabalho de pesquisa tenta explicar o tema do Mal, do Sofrimento humano. Qual a razão deste sofrimento? Por que sofremos? Por que existe o mal? Existe sentido para o sofrimento humano? O sofrimento do homem seria um castigo de Deus? O objetivo desta investigação bibliográfica é tentar obter respostas visando compreender o sofrimento que aflige todos os seres humanos. Procura dar um desfecho teológico baseado nos documentos da Igreja. Objetiva-se explicar o mal ontológico, o mal moral e o mal natural, numa perspectiva cristã católica baseada na doutrina da Igreja, especialmente o Catecismo da Igreja Católica. Temos consciência de que este artigo não dá um desenlace definitivo para o tema ora pesquisado, compreendendo que o assunto não se esgota.

Palavras-chave: sofrimento humano; mal moral; mal natural.

Abstract

The article presented in this research paper attempts to explain the theme of Evil and human suffering. What is the reason for this suffering? Why do we suffer? Why does evil exist? Is there a meaning to human suffering? Is human suffering a punishment from God? The objective of this bibliographical investigation is to try to obtain answers in order to understand the suffering that afflicts all human beings. It seeks to provide a theological conclusion based on the documents of the Church. The objective is to explain ontological evil, moral evil and natural evil, from a Catholic Christian perspective based on the doctrine of the Church, especially the Catechism of the Catholic Church. We are aware that this article does not provide a definitive conclusion to the theme currently being researched, understanding that the subject is not exhaustive.

Keywords: human suffering; moral evil; natural evil.

Introdução

O presente trabalho tem a finalidade de investigar através de pesquisas bibliográficas, inúmeras correntes de pensamentos que tratam do assunto relacionado ao mal e sofrimento humano, onde, por muitas vezes, autores com a mesma formação cristã pensam de forma diferente sobre este assunto.

O tema do Mal sempre foi questionado pela percepção humana, da seguinte forma: se Deus existe, qual seria a origem do mal, de onde viria a maldade que atinge toda a humanidade? De um modo ou de outro todos nós somos atingidos pelo mal, causando-nos a dor física, que também atinge todos os animais, bem como o mal moral que habita entre os homens.

Embora a dor física esteja presente no mundo animal, somente o homem ao sofrer sabe que sofre e busca a razão desse sofrimento, se perguntando o porquê? Sofrendo também por não encontrar resposta plausível para o sofrimento. Da mesma forma, o homem indaga-se sobre o porquê do mal no mundo? Ambas perguntas são de difíceis respostas, cujas perguntas podem ser feitas, tanto para o próprio homem, quanto para Deus. O homem, ao não conseguir responder essas perguntas, fica frustrado e, por vezes, entra em conflito com Deus, chegando até mesmo a nega-lo. (SALVIFICI DOLORIS, 1984 pp.16, 17).

A dor, como é óbvio, em especial a dor física, encontra-se amplamente difundida no mundo dos animais. Mas só o homem, ao sofrer, sabe que sofre e se pergunta o porquê; e sofre de um modo humanamente ainda mais profundo se não encontra uma resposta satisfatória. Trata-se de uma pergunta difícil, como é também difícil uma outra muito afim, ou seja, a que diz respeito ao mal. Por que o mal? Por que o mal no mundo? (SALVIFICI DOLORIS, 1984 p.16).

[...] É bem sabido que, quando se percorre o terreno desta pergunta, chega-se não só a múltiplas frustrações e conflitos nas relações do homem com Deus, mas sucede até chegar-se à própria negação de Deus. (SALVIFICI DOLORIS, 1984 p. 17). [...] O seu sofrimento é o de um inocente: deve ser aceito como um mistério que o homem não está em condições de entender totalmente com a sua inteligência. (SALVIFICI DOLORIS, 1984 p. 19).

As pessoas quando se deparam com o sofrimento sempre se queixam, perguntando a Deus o porquê de seu sofrimento, procurando respostas e sentido para o sofrimento pelo qual passam. O homem sempre indaga a Deus e a Jesus Cristo acerca do sofrimento que lhe assola, não encontrando respostas imediatas. (SALVIFICI DOLORIS, 1984 p. 57).

O homem, por vezes, pergunta-se: como pode um Deus que deseja o bem da humanidade permitir que entre as espécies uma alimente-se de outra. (Ap. Orlando FRANCESCHELLI. Dio e Darwin, Natura e uomo tra evoluzione e creazione. Donzelli, Roma 2005, p. 87 apud BOFF, 2009, p. 108). A exemplo do homem que se alimenta praticamente de todas as espécies de animais; plantas, sementes e frutos da natureza.

No Antigo Testamento, escrito em hebraico, não havia diferença entre as palavras Mal e Sofrimento. Somente a partir do Novo Testamento, escrito em grego, passou haver diferença entre estas palavras, passando as mesmas a terem um sentido diferente (SALVIFICI DOLORIS, 1984 p.12).

“A Sagrada Escritura é um grande livro sobre o sofrimento”. As palavras sofrimento e dor tem sentido semelhante, embora distintas. A dor propriamente dita tem sentido físico, assemelha-se a dor do corpo, enquanto que o sofrimento pode ser interpretado como dor da alma; ou sofrimento espiritual. (SALVIFICI DOLORIS, 1984 p.10, 11).

A dor, como é óbvio, em especial a dor física, encontra-se amplamente difundida no mundo dos animais. Mas só o homem, ao sofrer, sabe que sofre e se pergunta o porquê; e sofre de um modo

humanamente ainda mais profundo se não encontra uma resposta satisfatória. Trata-se de uma pergunta difícil, como é também difícil uma outra muito afim, ou seja, a que diz respeito ao mal. Por que o mal? Por que o mal no mundo? (SALVIFICI DOLORIS, 1984 p.16).

[...] É bem sabido que, quando se percorre o terreno desta pergunta, chega-se não só a múltiplas frustrações e conflitos nas relações do homem com Deus, mas sucede até chegar-se à própria negação de Deus. (SALVIFICI DOLORIS, 1984 p. 17). [...] O seu sofrimento é o de um inocente: deve ser aceito como um mistério que o homem não está em condições de entender totalmente com a sua inteligência. (SALVIFICI DOLORIS, 1984 p. 19).

As pessoas quando se deparam com o sofrimento sempre se queixam, perguntando a Deus o porquê de seu sofrimento, procurando respostas e sentido para o sofrimento pelo qual passam. O homem sempre indaga a Deus e a Jesus Cristo acerca do sofrimento que lhe assola, não encontrando respostas imediatas. (SALVIFICI DOLORIS, 1984 p. 57).

O homem, por vezes, pergunta-se: como pode um Deus que deseja o bem da humanidade permitir que entre as espécies uma alimente-se de outra. (Ap. Orlando

FRANCESCHELLI. Dio e Darwin, Natura e uomo tra evoluzione e creazione. Donzelli, Roma 2005, p. 87 apud BOFF, 2009, p. 108). A exemplo do homem que se alimenta praticamente de todas as espécies de animais; plantas, sementes e frutos da natureza.

No Antigo Testamento, escrito em hebraico, não havia diferença entre as palavras Mal e Sofrimento. Somente a partir do Novo Testamento, escrito em grego, passou haver diferença entre estas palavras, passando as mesmas a terem um sentido diferente (SALVIFICI DOLORIS, 1984 p.12).

“A Sagrada Escritura é um grande livro sobre o sofrimento”. As palavras sofrimento e dor tem sentido semelhante, embora distintas. A dor propriamente dita tem sentido físico, assemelha-se a dor do corpo, enquanto que o sofrimento pode ser interpretado como dor da alma; ou sofrimento espiritual. (SALVIFICI DOLORIS, 1984 p.10, 11).

A natureza humana

Deus não pode ser culpado pelo sofrimento causado pelo uso indevido da liberdade humana, fruto de nossa irresponsabilidade. “O pecado” não é castigo de Deus, pois um Deus Pai que ama seus filhos não quer o sofrimento, quer a alegria de seus filhos.

A doença não deve ser compreendida como a mão de Deus, é uma ocorrência natural, que deve ser encarada com lucidez, pois a doença e morte fazem parte da natureza humana.

4.O sofrimento humano é o resultado normal da fragilidade física e moral da humanidade e do mundo. O sentido de tal ou tal sofrimento é, dessa forma, puramente imanente ao acontecimento e às suas causas concretas, em princípio assinaláveis. Um acidente de carro, por exemplo, não tem outro sentido senão de ser o resultado de um estouro em alta velocidade de um pneu gasto. Se o motorista morre, é porque o homem é relativamente frágil e não pode absorver todo e qualquer choque.

5.A essa primeira causa, que é a fragilidade, acrescentam-se infelizmente a maldade, a violência e a injustiça do homem.

6.A condição humana de fragilidade (4) e de vulnerabilidade (5) representa uma provocação e um escândalo para o desejo ilimitado do homem: essa ausência de segurança choca com o desejo do

homem e o provoca a reações, ativas ou passivas, que só fazem agravar ainda mais o sofrimento e sua falta de sentido.

8. Essa condição de fragilidade e de vulnerabilidade, Deus a quer para o homem a fim de que, pela escolha, pela fé, pela esperança e pela resistência, seja ela o caminho de seu devir, o caminho histórico e único em que uma multidão de desejos humanos possam aparecer e se estruturar, como capacidade da glória de Deus – multidão que Deus, no fim desse devir, acolhe e recria na participação em sua plenitude. (Varone, 2001, pp. 266, 267, 268).

A autonomia do homem

Existem também correntes filosóficas que acham que o mal não pode ser original, pois o homem nasce bom, perversando-se no transcorrer da vida; fruto de sua autonomia, surgindo o mal por conta de sua educação e cultura: “Tudo está bem quando sai das mãos do Autor das coisas, tudo degenera entre as mãos dos homens”. (Emílio, I. I, Martins Fontes, São Paulo 1995, p. 7, apud BOFF, 2009, p. 157). Contudo, sendo Deus autor e criador de tudo que existe ou possa existir, é Deus que permite as falhas e desastres, visando um bem maior.

Alguns teólogos modernos tentam explicar o mal do mundo como sendo fruto de sua autonomia e seu livre arbítrio, sendo o mal fruto de suas atitudes e não responsabilidade de Deus. (Ap. Orlando FRANCESCELLI, Dio e Darwin. Natura e uomo tra evoluzione e creazione. Donzelli, Roma 2005, pp 92-96; apud BOFF, 2009, p. 117).

A autonomia e dependência da criatura, conforme Gaudium et Spes (nº 36) expõe a relação de sua liberdade e sujeição das criaturas perante o Criador; onde Deus é diretamente autor de tudo que existe ou pode existir, ocorrendo defeitos e sinistros, sendo Deus autor das normas, é Ele que permite estas falhas e desastres. (BOFF, 2009, p. 118). “Que ninguém, quando é tentado, diga; minha tentação vem de Deus. Pois Deus não pode ser tentado a fazer o mal e não tenta ninguém. Cada um é tentado por sua própria concupiscência que o arrasta e seduz” (Tg 1,13-14).

Deus não pode ser culpado pelo sofrimento causado pelo uso indevido da liberdade humana; bem como a doença não pode ser compreendida como a mão de Deus, pois trata-se de uma ocorrência natural, visto que a doença e morte fazem parte da natureza humana, que é frágil, tanto fisicamente quanto moralmente. Um acidente de carro, por exemplo, é fruto ou da inabilidade do motorista ou de um defeito mecânico do veículo. Somando-se ainda à fragilidade humana e sua vulnerabilidade a maldade, violência e injustiça do homem.

Sofrimento e evolução

Na obra A Origem das Espécies, Darwin observa o sofrimento que ocorria para chegar-se a evolução das espécies; onde ocorria a “guerra da natureza, feita também de fome e morte, tem, como resultado direto, o fato mais notável que se pode conceber: a produção de animais superiores”. (DARWIN, Charles. A origem das espécies e a evolução natural, trad. E. N. Fonseca, Hemus, Curitiba 2002, p. 457 apud BOFF, 2009, p. 109).

Dores e destruições fazem parte da evolução humana, a dor e a morte pertencem ao plano de Deus; para Santo Tomas, Deus permite o mal particular, visando o bem universal, pois se Deus quisesse impedir o mal no mundo poderia privá-lo de outros bens.

Diante do exposto, o homem passa a articular algumas respostas para esta questão, não encontrando ainda respostas definitivas e satisfatórias para esta questão:

O sofrimento, como a fome pode contribuir positivamente com o desenvolvimento da agricultura e a indústria da alimentação, o frio e o sol geram o desenvolvimento da produção de tecidos para nos proteger das intempéries, a dor física ou o sofrimento psicológico, ou mental, desenvolve o sistema médico hospitalar para aliviar

nossa dor e sofrimento. Nossa civilização vive da esperança de felicidade e da busca incansável contra a dor. (LEPARGNEUR, 1985, p.35, 36).

A queda moral do homem

O Compêndio do Vaticano II; Na Constituição Pastoral “Gaudium Et spes” (nº 13), ao se reportar sobre o Mal, ou pecado, apresenta as seguintes explicações:

Constituído por Deus em estado de justiça, o homem, contudo, instigado pelo maligno, desde o início da história abusou da própria liberdade. Levantou-se contra Deus desejando atingir seu fim fora dele. Apesar de conhecerem a Deus, não o glorificaram como Deus. O seu coração insensato se obscureceu e eles serviram à criatura ao invés do Criador. Por isso o homem está dividido em si mesmo. Por esta razão, toda a vida humana, individual e coletiva, apresenta-se como uma luta dramática entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas...

O homem foi constituído por Deus em estado de justiça, porém instigado pelo maligno, abusou de sua liberdade, levantando-se contra Deus, desejando igualar-se a Deus, serviu à criatura, o Diabo, ao invés do Criador, destruindo a harmonia consigo mesmo, com os outros homens e com as outras coisas criadas. Por esta razão toda a vida humana passa a lutar entre o bem e o mal; entre a luz e as trevas. O homem tentado pelo Diabo, desobedecendo ao mandamento de Deus, cometeu o primeiro pecado, recalcitrando a Deus e a sua confiança e bondade.

O Catecismo da Igreja Católica, em diversos parágrafos, refere-se ao pecado ou o mal nos seguintes termos:

397.O homem, tentado pelo Diabo, deixou morrer em seu coração a confiança em seu Criador e, abusando da sua liberdade, desobedeceu ao mandamento de Deus. Foi nisto que consistiu o primeiro pecado do homem. Todo pecado, daí em diante, será uma desobediência a Deus e uma falta de confiança em sua bondade.

398.Neste pecado, o homem preferiu-se a si mesmo a Deus, e com isto menosprezou a Deus: optou por si mesmo contra Deus, contrariando as exigências do seu estado de criatura e consequentemente de seu próprio bem. Criado em um estado de santidade, o homem estava destinado a ser plenamente “divinizado” por Deus na glória. Pela sedução do Diabo, quis “ser como Deus”, mas “sem Deus, e antes de Deus, e não segundo Deus”.

401. A partir do primeiro pecado, uma verdadeira “invasão” do pecado inunda o mundo: o fratricídio cometido por Caim contra Abel; a corrupção universal em decorrência do pecado...

A partir do pecado inicial ocorre uma propagação do pecado; o fratricídio de Caim cometido contra Abel, ocorrendo a corrupção universal em decorrência deste pecado; ficando o homem radicalmente pervertido e sua liberdade anulada pelo pecado original; herdando cada homem a tendência para o mal; a concupiscência que será insuperável. Através da inveja do Diabo a morte entrou no mundo, enfraquecendo a natureza humana, sendo o homem submetido ao sofrimento, à dominação da morte e inclinando-se ao pecado, chamado de concupiscência, passando a dor e a morte fazer parte da natureza humana.

406. A doutrina da Igreja sobre a transmissão do pecado original adquiriu precisão sobretudo no século V, em especial sob o impulso da reflexão de S. Agostinho contra o pelagianismo, e no século XVI, em oposição à Reforma protestante. Pelágio sustentava que o homem podia, pela força natural da sua vontade livre, sem a ajuda necessária da graça de Deus, levar uma vida moralmente boa; limitava assim a influência da falta de Adão a um mau exemplo. Os primeiros Reformadores protestantes, ao

contrário, ensinavam que o homem estava radicalmente pervertido e sua liberdade anulada pelo pecado original: identificava o pecado herdado por cada homem com a tendência ao mal (“concupiscência”), que seria insuperável. A igreja pronunciou-se especialmente sobre o sentido do dado revelado no tocante ao pecado original no segundo Concílio de Oranges em 529 e no Concílio de Trento em 1546.

413. Deus não fez a morte, nem tem prazer em destruir os viventes... Foi pela inveja do Diabo que a morte entrou no mundo.

418. Em consequência do pecado original, a natureza humana está enfraquecida nas suas forças, submetidas à ignorância, ao sofrimento e à dominação da morte, e inclinada ao pecado (inclinação chamada de “concupiscência”).

O mal físico, notadamente a dor e a morte, conforme explicações no livro do Gênesis são atribuídos a Adão e Eva, que são castigados pela sua desobediência do pecado original. Causando a inimizade entre os animais e o homem, as dores do parto, os espinhos e os estrepes, o pão que deverá ser ganho com o suor do próprio rosto, bem como a volta ao pó (Gn 3,15-19). (BOFF, 2009, p. 119).

Estas contradições fazem parte das relações do homem com Deus e com o mundo; dores e destruições fazem parte da evolução e do desenvolvimento humano. Não podemos imaginar que antes do pecado de Adão as feras fossem mansas. Santo Tomás explica que o “O pecado do homem não mudou a natureza dos animais”, como se, antes do pecado original, “os leões e os falcões vivessem de ervas”. (ST I, q. 96, a.1, ad 2 apud BOFF, 2009, p. 119), “Para Santo Tomás, realista que era, é da natureza do leão nutrir-se de cervos”. (ST I, q. 19. A.9, c apud BOFF, 2009, p. 119).

A luta pela sobrevivência funciona desde o big bang, e não somente após o pecado de Adão, não sendo Adão culpado pela desarmonia do universo. (BOFF, 2009, p. 120).

“Se o mundo evolutivo e conflitual e se assim foi criado por Deus, então, a dor e a morte pertencem ao plano do Criador. Ele as quis como parte de sua criação. Elas têm aí uma função”. (BOFF, 2009, p 121).

Para Santo Tomás, Deus permite o mal particular, visando o bem universal, pois se Deus quisesse impedir o mal no mundo, poderia privá-lo de outros bens. (ST I,q. 22, a. 2, ad 2, afirmando que a Providência divina se ocupa com as coisas singulares, até mesmo as corruptíveis apud BOFF, 2009, p. 121).

O que Deus quer “é a ordem e não a desordem, a qual sobrevém apenas como efeito colateral indesejado, embora inevitável. Assim acontece com o médico: corta, fere e faz sofrer, mas tudo para salvar o doente”. (BOFF, 2009, p. 122).

A doutrina do pecado original

O pecado original, dogmatizado como verdade de fé por três concílios, Cartago no ano de 418, Orange II em 529 e de Trento em 1546, ao tratar da remissão pelo batismo, conduz indulgência para as crianças que nascem com esta mácula herdada de Adão. (BOFF, 2009, pp.150, 151).

Embora o pecado original não se origine de uma ação e ou ato, mas sim de uma situação, priva o ser humano do amor salvífico de Deus. (CIC nº 405). (BOFF, 2009, p.155).

A doutrina do pecado original é tão importante que a soteriologia cristã perderia em grandeza dramática se dela fosse amputada. Pois só na contraluz daquela doutrina se pode entender de modo adequado a relevância da redenção realizada em Cristo e a magnitude do preço de nosso resgate: o sangue do Cordeiro sem mancha (cf. 1Co 6,20; 7,23; 1Pd 1,18-19; At 20,28) Não que Cristo, falando em absoluto, precisasse sofrer o que sofreu, mas o drama de sua paixão tem certa proporção - de conveniência, não de necessidade – com o drama do pecado humano. Daí

asseverar o Catecismo da Igreja Católica que não se pode atentar contra a revelação do pecado original sem atentar contra o ministério de Cristo (Nº 389). Vejamos como a redenção ganha relevância quando contrastada com o pecado original. (BOFF, 2009, p.160).

Sem a percepção do pecado original não se poderia explicar a necessidade do perdão do homem, a urgência da graça, e da redenção de Cristo. Não reconhecer o pecado original como falta voluntária de Adão, marcada em cada homem seria abdicar da graça, negando a nossa salvação por Cristo. Reduzindo Jesus Cristo a um homem de grandes predicados, porém sem sua qualidade Redentora e Salvadora.

Se a culpa de Adão e Eva atinge todo o ser humano que nasce, mais ainda o envolve a graça de Cristo e de sua Igreja. E se cada recém-nascido partilha do pecado dos primeiros pais, partilha mais ainda da graça salutar de Cristo pela fé da sua Igreja. (BOFF, 2009, p. 166).

Porquanto, se a culpa de Adão e Eva alcança toda a humanidade, a graça de Cristo supera e ultrapassa toda nossa percepção de pecado.

Segundo Frei Clodovis, o Pecado herdado: pode ser assim refletido:

No ensaio anteriormente referido, P. Ricoeur desanca o pecado original como conceito absurdo e com outros qualificativos igualmente pesados. Ao contrário dele, Santo Tomás nada vê de inconveniens nem contra rationem na doutrina do pecado original. Partindo do princípio de que Deus age na história de maneira sábia, nada fazendo de absurdo ou irracional, o Doutor Angélico funda a herança do pecado de Adão em um princípio metafisicamente grande: a solidariedade ontológica e, portanto, também moral, existente entre todos os homens e que faz de todos como um só homem. Assim, na pessoa de Adão estava toda a humanidade, de modo que seu pecado era, além de pessoal, um pecado da natureza. (BOPFF, 2009, pp. 153, 154).

[...] Sem dúvida, a explicação solidarística do pecado se choca com a moderna concepção individualista de culpa. Representa, contudo, uma tentativa teológica coerente e rigorosa para dar teoricamente conta do dogma da culpa original. Os modernos, por sua parte, eliminam simplesmente o problema, deixando-o impensado e irresolvido. E de pouco vale criticar a versão atual dessa doutrina dada pelo Catecismo da Igreja Católica, acusando-a de historicizante e até de mitificante, e propondo que a Igreja “se liberte uma vez por todas dessas cadeias”. (HÄRING, Hermann. “Da queda ao pecado hereditário: apontamentos ao Catecismo da Igreja Católica”, in Conciliun, nº 304 (2004) 28-38, apud BOFF, 2009, p. 155) Pois se a igreja mantém ainda aquela representação é porque a teologia atual não lhe forneceu uma representação alternativa, capaz de traduzir, de forma correta, as verdades irrenunciáveis aí contidas. Portanto, é a teologia que está aqui em questão e não a igreja e sua doutrina. (BOFF, 2009, p. 155)

Agora, se a teologia, com todos seus esforços, ainda não conseguiu mostrar a plausibilidade teológica do pecado original para o homem de hoje, o que deve fazer é manter-se na fé e, a partir dela, continuar a buscar as razões da fé, sempre sedulo, piet et sobrie, como recita o Vaticano I (DH 3016), mas não pretenda levantar os cornos de uma inteligência petulante, segundo a advertência de Santo Anselmo e dos demais doutores da Igreja. É muita arrogância querer que tão altos mistérios possam caber em nossa estreita cachola cerebral. (BOFF, 2009, p. 156).

O Deus Javé ameaçador e castigador

Para Sanford, analista junguiano e padre episcopaliano; o próprio IAHVEH é o responsável pelo mal, e os hebreus viam em IAHVEH a origem tanto do bem quanto do mal.

A razão de encontrarmos poucas referências a Satã no AT está no fato de que aí o próprio lahweh é o responsável pelo mal, de modo que a figura de um demônio não é necessária. Há muitos exemplos no AT mostrando que os antigos hebreus viam a lahweh como a origem tanto do bem como do mal. Por exemplo, considere-se Am 3,6: “Se acontece alguma desgraça na cidade, não foi lahweh que agiu?” ou Is 45,5-7 “Eu sou lahweh e não há nenhum outro...” “Eu formo a luz e crio as trevas, asseguro o bem-estar e crio a desgraça; sim, eu lahweh, faço tudo isto”; ou Is 54,16; “Sabe que fui eu quem criou o ferreiro que sopra as brasas no fogo e tira delas o instrumento para seu uso; também fui eu quem criou o exterminador, com a sua função de criar ruínas”. (SANFORD, 1988, p 39).

Sendo lahweh uma totalidade de opostos, tudo provém dele, inclusive o bem e o mal. Assim para os antigos hebreus o mal não constituía um problema. Eles acreditavam num único Deus e, se havia o bem e mal no mundo, se o homem sofresse uma tragédia ou fosse cumulado de bênçãos, se sucumbisse a humores destrutivos e paixões más, tudo isso tinha sua origem em lahweh. Isso até que a consciência moral hebraica se desenvolvesse e eles sentissem um certo incômodo na ideia de um Deus que aparentemente enviava tanto o bem quanto o mal sobre a espécie humana...

Podemos de fato ficar bastante incomodados com a ideia de que lahweh é o responsável pelo bem e pelo mal, mas é o que nos apresenta o monoteísmo claro e persistente. (SANFORD, 1988, pp. 39, 40).

Como podemos observar, muitos males são atribuídos A IAHWEH, contudo tal pensamento contraria a Doutrina da Igreja Católica; opondo-se aos prescritos no Catecismo da Igreja Católica, que prega um Deus bom, misericordioso e cheio de amor pela humanidade.

Deus, quando permite um mal, visa sempre o bem maior. O pensamento do autor é um pensamento maniqueísta, cuja heresia já foi discutida, e superada pela Igreja Católica.

Mesmo pensamento tem o sacerdote católico Lepargneur. Como compreender o Javé bíblico, ameaçador e castigador, que pune os pecadores com a imagem do Deus bondoso, piedoso, cheio de misericórdia que hoje recebemos? “Todos os povos na sua presença são como se não existissem, e ele os considera como nada, uma coisa que não existe” (Is 40,17). “Nossos dias se consomem sob vossa ira, nossos anos todos são um sopro” (Sl 189). “Descarregou sobre eles o fogo de sua ira, cólera, indignação, calamidade, uma legião de anjos da desgraça; deu livre curso à sua ira... Não preservou suas almas da morte, suas vidas entregou à peste...” (Sl 77). Que Pai proporciona com tamanha insensibilidade tanto ventura quanto infortúnio a seus filhos como se ambas as situações tivessem o mesmo juízo? No livro de Jó 2,10 “Aceitamos a felicidade da mão de Deus; não devemos também aceitar a infelicidade?” (LEPARGNEUR, 1985, p. 125).

“Por que Deus Pai, no cristianismo, entregou o Verbo encarnado ao suplício da cruz como condição do perdão para a humanidade?” (LEPARGNEUR, 1985, p.126).

Sobre a resposta a estas perguntas nosso conhecimento acerca da questão do mal esbarra em causas desconhecidas à nossa razão, só cabendo a Deus o seu pleno conhecimento. Deus criou o mundo e tudo que nele existe, inclusive o mal; a Revelação, contudo, culpa Adão, Eva e a serpente pela origem do mal; mas, como Deus tudo criou consequentemente teria Deus criado também o mal? (LEPARGNEUR, 1985, pp. 126, 127).

O pensamento do autor não condiz com a doutrina da Igreja Católica; fazendo uma leitura fundamentalista e maniqueísta.

O sofrimento de um inocente

A história de Jó relata um homem justo e sem culpa nenhuma, que é provado por Deus, com muitos sofrimentos. Perdendo seus bens, seus filhos e por fim sua própria doença. Seus amigos tentam convencê-lo de que tanto sofrimento só seria possível em decorrência de uma falta grave de sua parte. No Antigo Testamento o mal é

interpretado como castigo de Deus pelos pecados cometidos pelos homens. Sendo Deus um legislador e juiz; atingindo aqueles homens que semeiam a maldade e a iniquidade, colhendo o mesmo fruto que plantaram.

Nos primeiros capítulos do Livro de Jó observamos que Deus dá permissão para Satanás afligi-lo, porém sem atentar contra sua vida.

Satanás coloca à prova a fé e amor de Jó, alegando que Jó só fazia o bem para receber bem. Jó é submetido à prova através de terríveis sofrimentos; chegando Jó a blasfemar contra Deus exigindo explicações para seu sofrimento. Deus revela a Jó as maravilhas de sua criação, Jó por fim compreende que seria muita pretensão de sua parte exigir explicações; tampando sua boca com mão e calando-se, em sinal de humildade.

Jó percebe que o problema do sofrimento do justo não deve ser compreendido, o sofrimento deve ser aceito sem questionamentos, aceitando que o justo também sofre, e através do sofrimento o inocente pode e deve fazer a experiência com Deus; pois, mesmo no sofrimento e morte, podemos descobrir a presença misteriosa do Deus da vida.

O mal natural e mal moral

Existe uma diferença entre o mal físico, dor corporal ou sofrimento emocional, e o mal moral, que é o sentimento de culpa. Para Santo Agostinho há dois tipos de males: um que o homem faz a outrem, que seria o pecado; e outro do qual o homem é vítima, que seria a pena; pervertendo a vontade Deus e negando o seu amor, resultando na condenação irrevogável. (BOFF, 2009, p.115).

O mal Natural

O mal físico é toda deformação física, principalmente a dor e a morte. As primeiras páginas do Genesis ensinam que os males físicos entraram no mundo por causa do pecado de Adão e Eva: são os castigos da desobediência original: a inimizade entre os animais e homem, as dores de parto, a dominação na relação homem-mulher, os espinhos e os abrolhos e o pão ganho com o suor do rosto, enfim à volta ao pó. (BOFF 2009, p. 119).

O mal moral

O mal moral é praticado exclusivamente pela liberdade humana. Nele, a capacidade ética do ser humano é anulada, e o homem acaba fazendo o mal que não quer; “Com efeito, não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero”. (Rm 7,19). Eis, pois, a concupiscência.

Frei Clodovis cita nosso drama existencial: a concupiscência:

[...] o cristianismo fala na tendência para o mal como fruto do pecado original. Tal é também chamada de fomes peccati ou de concupiscência. Voltaire descreveu tal tendência com clareza e simplicidade: É bastante cair para fazer o mal; para fazer o bem, precisa subir. Tal é a experiência humana de cada um e de todos sem exceção. São Paulo a exprimiu com dramatismo em Rm 7: Vejo o bem que quero e faço o mal que não quero. O poeta pagão Ovídio concorda com isso quando recita: Vejo o que há de melhor e o aprovo, mas sigo o que há de pior. Eis, pois o que é a concupiscência: o dramático non posse non peccare. É nossa radical incapacidade de amar verdadeiramente: a Deus, sobretudo, e ao próximo como a nós mesmos. Com razão, pois, a Gaudium et Spes declara que a fraqueza moral diante do mal é a experiência comum dos seres humanos (13). (Boff, 2009, p.137, 138).

[...] Mas já os grandes pensadores antigos tinham descrito essa situação de precariedade moral do ser humano. Assim, Platão, depois de fazer o relato do anel de Gíges, no qual se conta que esse personagem aproveitava da invisibilidade que lhe confere um anel mágico para cometer toda sorte de abusos, tira a seguinte conclusão geral: Ninguém, de vontade própria, se comporta segundo a justiça. Em seguida, explica o quanto é fácil praticar a injustiça

e quantas vantagens humanas isso traz; e, ao contrário, quanto é difícil ser justo e quantas complicações isso comporta. (Platão. A República, livro II, 360c e seg, apud BOFF, 2009, p. 138, 139).

Frei clodovis cita ainda a Origem de nosso drama existencial: o pecado original

De onde vem, pois, a inclinação perversa que reina no coração do ser humano? De onde vem essa anomalia existencial com a qual cada um faz a experiência? Como explicar essa mal formação geral de nosso ser mortal? Não provém certamente de Deus, que é sumamente bom e não pode querer nem operar o mal. Non est ex Padre, diz São João (1 Jo 2,16) e o repete a Gaudium et Spes (nº 13). Será então de quem, se não da criatura?

Ora, é aqui que se põe o dogma do pecado original, sem o qual o mal que habita no coração humano e no mundo se torna incompreensível. Faz-se porém, imediatamente luz sobre esses problemas tão logo se coloque a verdade de um acidente fatal, sucedido no início de nossa existência. (BOFF, 2009, p. 140, 141)

O paradoxo do bem e do mal natural

O mal, para uns, pode ser o bem para outros, depende o ponto de vista de quem olha, depende de que margem do rio se está olhando.

Para mim, a praga que destruiu minhas abóboras era um mal, tanto quanto o esquilo – que foi neutralizado justamente por essa razão. Não sei como a praga se sentiu. Mas não resta dúvida de que, para o esquilo, a destruição dos meus pés-de-tomate era um gesto bom. Eu e minhas armadilhas éramos, para ele, o mal. Ou seja, o que para mim era ruim, era bom para ele – e vice-versa.

Em se tratando do mal, a primeira coisa com a qual nos defrontamos é que, de um ponto de vista humano, sua conceituação depende sempre do ângulo onde está o observador. Portanto o que é tido como bom para alguém pode perfeitamente ser mau para outro. (SANFORD, 1988, p. 14)

A praga que destruiu meus pés-de abóbora é um exemplo de um mal natural – tanto quanto os terremotos, as enchentes de proporções catastróficas ou até as epidemias. Em contraposição, o mal moral advém de possíveis motivações negativas existentes no coração mesmo dos seres humanos.

Não é nova a ideia de que o bem e o mal são conceitos relativos. Por exemplo, o antigo filósofo chinês Chu Hsi – cujas reflexões ocorreram há tanto tempo que ninguém sabe ao certo quando ele viveu – ensinava que o bem e o mal não existem em si mesmos; ao contrário, eles são conceitos aplicados às coisas de acordo com os benefícios ou prejuízos que trazem para quem as manipula ou para o ser humano em geral. Dizia Chu Hsi que “sem si mesma, a natureza está além do bem e do mal, e ignora a nossa terminologia egoísta” (SANFORD, 1988, pp. 15, 16).

Através da dor, do sofrimento, o crente vê a mão de Deus ora para castigar, ora para provar (ora simplesmente para proporcionar oportunidade de acumular méritos): eis os dois grandes e básicos significados que permitiram a bilhões de seres humanos padecer com valentia sofrimentos inadiáveis, sofrer com júbilo ou resignação, morrer com doce esperança. A maioria dos brasileiros ainda se situa nesta categoria comportamental, ainda que as classes abastecidas já tenham passado em massa para o outro lado. (LEPARGNEUR, 1985, p. 10, 11)

[...] “mal” não será antes do mais um julgamento de valor para apontar aquilo que me contradiz? Que se opõe a mim? O mal em si, se existe, é algo indefinido, ambíguo: pode servir para o bem ou para o prejuízo do sujeito humano. (LEPARGNEUR, 1985, p. 35).

A civilização humana é um enorme sistema para combater males relativos; o homem produz bens e serviços para vencer estes males relativos: a fome gera o sistema da agricultura e a indústria agro alimentícia; a nudez gera a indústria do vestuário; a dor gera o sistema médico hospitalar. (Lepargneur, 1985, p.36).

Um Deus a serviço do homem

As pessoas que encontram no divino uma espécie de troca de “favores”, enquanto está tudo bem com sua vida principalmente a vida material, dizem-se de bem com Deus, e até protegidos por Ele. Porém, nas dificuldades financeiras, e ou nas penúrias de saúde, sentem-se atacadas. Destarte, quando se encontram diante de doenças graves não conseguem entender o porquê deste sofrimento. Estas pessoas tem no divino um Deus a seu serviço, acreditam em Deus enquanto lhe convém.

Um dos maiores sofrimentos possíveis para muitos, se relaciona com a morte de pessoas da família, ou de entes queridos.

Quem enxerga o porquê da sua existência terrestre apenas nos gozos, já está em véspera de frustração. Quem confunde os objetos da vida – fortuna, prazeres, divertimentos – com a razão-de-ser da sua existência – autoconhecimento e auto realização – é um profano, um exotérico, e não pode encontrar conforto na hora do sofrimento. (ROHDEN, 1988, p. 58)

Vida terrena transitória

Para nós cristãos, a vida continua após a morte física, a morte material; nossa vida após a morte é transformada em vida eterna.

Para que a lagarta possa tornar-se borboleta, é indispensável que passe por uma espécie de morte, a crisálida, ou o casulo. No fim do seu período de lagarta, deixa ela de comer, retira-se a um lugar solitário e lá se metamorfoseia. Não sabemos se ela sofre com esta metamorfose. E, se sofresse, também aceitaria de boa vontade esse sofrimento, porque, indistintamente, a lagarta sabe que o seu verdadeiro estado é o de borboleta alada... Em vez de rastejar pesadamente pela terra, a borboleta voa elegantemente pelos espaços ensolarados... (ROHDEN, 1988, p. 129, 130).

E o próprio Cristo diz: “Se o grão de trigo não cair em terra e morrer, ficará estéril: mas se morrer, produzirá muito fruto”. (ROHDEN, 1988, p 130, 131).

Para alcançarmos o Reino de Deus é indispensável que morramos; só alcança a vida eterna quem passa pela morte, esta vida aqui na terra é transitória, vida em abundância encontraremos no paraíso.

O sofrimento de Jesus

Jesus homem real, frágil e vulnerável como qualquer outro homem. Vence a fobia dos perigos e das ameaças que o cercam. Jesus encara o sofrimento, em virtude de fragilidade natural de seu corpo humano, diante dos poderes político e econômico e vai em frente com a revelação do Reino de Deus; Jesus não procura o sofrimento, mas não se desvia de sua missão, mesmo se devesse sofrer em nosso lugar, investindo sua vida para nos libertar e nos salvar. (VARONE, 2001, p. 270, 271)

Jesus sentiu sofrimento, como homem que foi: “Meu Pai, se é possível passe de mim este cálice! Contudo, não se faça como eu quero, mas como tu queres!” (Mt 26,39); e ainda: “Meu Pai, se este cálice não pode passar sem

que eu o beba, faça-se a tua vontade”. Jesus se demonstra totalmente obediente ao Pai. (Mt 26,42). Estas palavras foram pronunciadas no Getsêmani antes de sua crucifixão; e após experimentar imenso sofrimento no Gólgota, pronuncia as palavras de dor e sofrimento, “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes” expressando seu sentimento de dor, abandono e sofrimento. (SALVIFICI DOLORIS, 1984, P. 33, 34)

O sentido do sofrimento humano

“O sofrimento humano não reveste para Deus nenhum valor de compensação nem de reparação: ele não é nem o prazer nem a exigência jurídica de Deus” (VARONE, 2001, p. 265).

O sofrimento humano não atinge o homem pelo efeito de uma disposição nem de uma permissão precisa de Deus, sob forma de provação, de advertência ou de punição de tal pessoa ou de tal grupo.

Deus não intervém nos acontecimentos. (VARONE, 2001, p.265).

A nosso ver, Deus intervém nos acontecimentos, caso contrário não aconteceriam as interferências providenciais em nossas vidas.

O Livro de Jó põe, de modo perspicaz, a pergunta o “porquê” do sofrimento; e mostra também que ele atinge o inocente, mas ainda não dá a solução ao problema.

[...] Mas, para poder perceber a verdadeira resposta ao “porquê” do sofrimento, devemos voltar a nossa atenção para a revelação do amor divino, fonte última do sentido de tudo aquilo que existe.

[...] O amor é ainda a fonte mais plena para a resposta à pergunta acerca do sentido do sofrimento. Esta resposta foi dada por Deus ao homem, na cruz de Jesus Cristo. (SALVIFICI DOLORIS, 1984, pp. 21, 22).

O homem não deve passar imune ao sofrimento de outrem, pois quando fazemos o bem aos nossos irmãos mais humildes é a Cristo que estamos fazendo. (Mt 25,40). O bom samaritano parou diante do sofrimento de um desconhecido, tendo compaixão por sua dor, demonstrando que o “O sofrimento está presente no mundo para desencadear o amor, para fazer nascer obras de amor para com o próximo, para transformar toda a civilização humana na civilização do amor”. (SALVIFICI DOLORIS, 1984, p. 66).

“E todos que sofrem foram chamados, de uma vez para sempre, a tornarem-se participantes dos sofrimentos de Cristo”. (1Pd 4,13). (SALVIFICI DOLORIS, 1984, p. 67)

“Cristo ensinou o homem a fazer o bem com o sofrimento e, ao mesmo tempo, fazer o bem a quem sofre. Sob este duplo aspecto, revelou cabalmente o sentido do sofrimento”. (SALVIFICI DOLORIS, 1984, p. 67).

Privatio Boni

A Igreja sempre entendeu o mal como “privatio boni”, privação de um bem devido. O mal não existe propriamente como coisa, mas existe apenas como ocorrência. O mal está em uma coisa, nunca é uma coisa.

A doutrina da igreja nunca admitiu que o mal fosse uma “substância” ou uma entidade concreta, como acreditavam as religiões de origem iraniana, a exemplo do mazdeísmo, do gnosticismo e do maniqueísmo. Ela entendeu sempre o mal como privatio boni: Privação de um bem devido (cf. DH 286, 1333). Assim a dor: por certo, é real, mas como o que não deve ser. É uma falta ou deficiência, justamente como o vazio do estomago pela fome ou como a ausência da pessoa amada na saudade. Portanto, o mal não existe propriamente como coisa, mas existe apenas como ocorrência. O mal não é (est), mas se dá (datur). O mal está em uma coisa, nunca é uma coisa. O mau existe, sim, mas não o mal, que só existe no mau. (BOFF, 2009, p.114, 115)

[...] O Homem sofre por causa do mal, que é uma certa falta, limitação ou distorção do bem. Poder-se-ia dizer que o homem sofre por causa de um bem do qual não participa, do qual é, num certo sentido, excluído, ou do qual ele próprio se privou. Sofre em particular quando “deveria” ter participação num determinado bem – segundo

a ordem normal das coisas – e não a tem. Por conseguinte, no conceito cristão, a realidade do sofrimento explica-se por meio do mal que, de certa maneira, está sempre em referência a um bem. (SAVIVI DOLORIS, 1984 pp. 13,14).

A Graça de Deus

O apóstolo Paulo tinha visto e confessado que a abundância do pecado havia provocado a superabundância da graça (cf. Rm 5,20). “[...] homem, inclinado ao mal por nascença, encontra em seguida novos estímulos para o pecado, que não se vencem senão com esforços diligentes e o auxílio da graça”. (Gaudium et Spes 25); “[...] Inserido nesta batalha, o homem deve lutar sempre para aderir ao bem; não consegue alcançar a unidade interior senão com grandes lutas e o auxílio da graça de Deus”. (Gaudium et Spes 37).

Considerações finais

Conforme pesquisas bibliográficas, constatamos a existência de opiniões divergentes acerca do tema. Autores, com a mesma formação, padres e sacerdotes, manifestaram opiniões diferentes da doutrina da Igreja Católica em suas obras expondo, por vezes, uma opinião maniqueísta.

Para concluir, apoiamo-nos nas ideias do Frei Clodovis Boff e do Catecismo da Igreja Católica.

Para ele a doutrina da Igreja não admite que o mal seja uma coisa concreta, mas sim uma ocorrência. Deus quando permite um mal, visa sempre o bem maior. Opinião coerente e em consonância com a doutrina da Igreja Católica.

Conforme o Catecismo da Igreja Católica, parágrafo 309: não há uma resposta rápida para a questão do mal; cuja resposta encontrasse no conjunto da fé cristã.

309. Se Deus Pai Todo-Poderoso, Criador do mundo ordenado e bom, cuida de todas as suas criaturas, por que então o mal existe? Para esta pergunta tão premente quão inevitável, tão dolorosa quanto misteriosa, não há uma resposta rápida. É o conjunto da fé cristã que constitui a resposta a esta pergunta.

310. [...] Todavia, na sua sabedoria e bondade infinitas, Deus quis livremente criar um mundo “em estado de caminhada” para a sua perfeição última [...].

311. Os anjos e os homens, criaturas inteligentes e livres, devem caminhar para o seu destino último por opção livre e amor preferencial. Podem, no entanto, desviar-se. E, de fato, pecaram. Foi assim que o mal moral entrou no mundo, incomensuravelmente mais grave do que o mal físico. Deus não é de modo algum, nem direta nem indiretamente, a causa do mal moral. Todavia permite-o, respeitando a liberdade da sua criatura e, misteriosamente, sabe auferir dele o bem. Pois o Deus todo-poderoso..., por ser soberanamente bom, nunca deixaria qualquer mal existir nas suas obras se não fosse bastante poderoso e bom para fazer resultar o bem do próprio mal.

324. A permissão divina do mal físico e do mal moral é um mistério que Deus ilumina pelo seu Filho, Jesus Cristo, morto e ressuscitado para vencer o mal. A fé nos dá a certeza de que Deus não permitiria o mal se do próprio mal não tirasse o bem, por caminhos que só conheceremos plenamente na vida eterna.

Enfim, o sofrimento deve ser aceito como um mistério que o homem não está em condições de entender totalmente com sua inteligência. As respostas das perguntas sobre o mal e o sofrimento humano estão além do nosso conhecimento e são causas desconhecidas da nossa razão, só cabendo a Deus o seu pleno conhecimento.

Referências

BOFF, Clodovis. Mal e pecado original no contexto da evolução. IN: SANCHEZ M. A.

Criação e Evolução Diálogo entre Teologia e Biologia. São Paulo: Ave Maria, 2009.

JOÃO PAULO II. O Sentido Cristão do Sofrimento Humano, Carta Apostólica “*Salvifici Doloris*”; 2ª edição, São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

VARONE, François. Esse Deus que dizem Amar o Sofrimento. Tradução de José Augusto da Silva. Aparecida. Santuário, 2001.

LEPARGNEUR, Hubert. Antropologia do Sofrimento. Aparecida: Santuário, 1985. SANFORD, John A. Mal, o lado sombrio da realidade. Tradução de Silvio José Pilon, João Silvério Trevisan: revisão de Ivo Stornilolo. São Paulo: Paulus, 1988.

ROHDEN, Huberto. Porque Sofremos: diretrizes para um sofrimento sereno e calmo. 8ª Ed. Alvorada, 1988.

COMPÊNDIO DO VATICANO II, Constituições, decretos, e declarações, 30ª edição, Introdução e Índice de Frei Boaventura Kloppenburg, OFM. Coordenação Geral de Frei Frederico Vier, OFM. Vozes, 1968.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Editora Vozes, Edições Paulinas, Edições Loyola, Edições Ave-Maria, 1993.